

Raquel Nobre Guerra*

O que é a poesia hoje?

Três parábolas para este tempo

Conta-se que uma mulher fora vista a galopar uma grande extensão de pradaria num cavalo desgovernado, até que alguém um dia vendo-a passar lhe gritou: “Aonde vais tão diligente?” e a mulher virando-se respondeu: “Não sei, pergunta ao cavalo!”

Parábola Zen

1

O SEU SABER

Conta-se que um poeta vivia em constante desassossego por não conseguir alcançar a aprovação dos sábios da época, até que um dia soube da vinda de um poeta venerado pelos sábios da época que se dizia andar de aldeia em aldeia a realizar milagres com as suas palestras. Então, o poeta em constante desassossego compôs-se do melhor traje enfeitado de flores e horas passaram até que a fila o conduzisse ao bom mestre. “Quero saber o que diz o poeta venerado pelos sábios.” Quando finalmente se aproximou para ouvir nada aconteceu. O poeta permaneceu quieto, num silêncio familiar e simples. “Que tens a dizer, afinal, poeta venerado pelos sábios?” E o poeta permanecia quieto, num silêncio familiar e simples. Quando finalmente o poeta em constante desassossego por não conseguir alcançar a aprovação dos sábios da época se pôs em sossego, pôde ouvir um burburinho que ondeava os lábios de um dos dois discípulos que acompanhavam o poeta venerado pelos sábios da época e se sentavam sempre ao lado deste. Aproximou então o ouvido dos lábios de um dos dois e abrindo muito os olhos ajoelhou-se e começou a beijar-lhe os pés, depois o peito, a testa e a boca. Sabe-se que os dois discípulos segredavam ao ouvido do mestre: “Tu és nada, tu és nada.” Assim tinham sido instruídos por ele.

2

O SABER DE SI

Conta-se que um poeta avistando um monge ao longe numa floresta se pôs nervoso a procurar na mente o mais belo poema para lhe dedicar. O poeta pensou então num poema sobre o nascimento que o impressionara, mas logo percebeu que o nascimento era um tema demasiado alegre e parcial e abandonou o poema. O poeta pensou então num poema sobre a morte que o impressionara, mas logo percebeu que a morte era um tema demasiado triste e imparcial e abandonou o poema. A febre corria por cima da razão e todos os poemas lhe pareciam agora flores penhoradas para olhos de mármore. O poeta abandonou todos os temas e guardou silêncio. Quando finalmente se cruzaram junto à clareira, sob dois amieiros que desciam sobre eles uma nutritiva espuma de rosada luz como de pele de leite cozido, assim se lhe dirigiu o poeta: “Mestre, é meu desejo dedicar-te o mais belo poema sobre os únicos temas da existência, o nascimento e a morte, mas tudo me parece singelo ou torpe, parcial e imparcial, idêntico e oposto.” Ouvindo isto, o monge convidou o poeta para o acompanhar no passeio e dedicou-lhe as seguintes palavras: “Algo me diz que um e outro são a resposta de uma mesma pergunta que negas conhecer.” O poeta submergiu num silêncio confuso e horas passaram até que avistasse um pequeno lago e ali se sentasse para beber da saúde das águas. Já refeito para seguir viagem, o poeta, reparando que as águas depois de agitadas pelas suas mãos voltavam a reunir-se retomando a sua forma inicial, disse para si: “Se não é o nascimento nem a morte, como estás tu aqui?”

3

O SABOR DA SUA LÍNGUA

Há formulações a que só se chega mais tarde como sensações por organizar numa página que não mente, pensou, certo dia, em que sentiu acordar para a inutilidade de tudo, para um odor diferente e dando-se conta daquele dia afirmou: também a poesia passa por bocas grosseiras e espíritos menos finos sem os transformar. Uma palavra que faça com que seu brilho quente revele o mistério da sua passagem, uma só palavra que dê cabo da escuridão é quanto peço!, exclamou. Mas sábio e frio arde o espectáculo do mundo e o mundo não se mexeu. Tudo permaneceu como estava porque o mundo em tempo algum acomodou a necessidade de infinito. Mas ei-la, a palavra com as suas cento e trinta mil possibilidades de infinito, pensou. Se nem as mais altas palavras conservam a frescura das coisas vivas, e nem ao mais vil servem para pôr de parte seus actos particulares, se nem os deuses com suas valorizações rigorosas nos devem justiça, como posso eu esperar que os homens do meu tempo com as palavras do seu tempo me punam com o peso de suas mãos nuas, me saquem a justo peso de chicote? O poeta acendeu o lume e disse para si: a poesia é tão-só um excesso de paixão pela realidade, apenas a distância me impedirá de assistir a essa feliz destruição. O poeta aumentou o lume, sacudiu as brasas, bateu uma palma na outra e de novo uma palma na outra: “a poesia está morta, a poesia morreu!” enquanto saboreava cada uma das suas palavras até estas se tornarem indistintas do sabor da sua língua.

NOTA

* Raquel Nobre Guerra nasceu em Lisboa. É licenciada e mestre em Filosofia, foi doutoranda na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma bolsa de investigação da FCT, tendo a tese por concluir. Publicou *Groto Sato* (Mariposa Azul, 2012); *SMS de Amor e Ódio* (Residências no Largo, 2013); *Saudação a Álvaro de Campos* (Palavras por Dentro, 2014); *Senhor Roubado* (Douda Correria, 2016). Em 2017, recebeu a bolsa de criação literária DGLAB. Publicou, em 2019, a antologia bilingue *Una Coca-Cola Contigo* (Puro Pássaro, Bogotá). *Divisão da Alegria* (Tinta-da-China, 2022) é o seu mais recente livro.